

## Entre-línguas brasileiras: Libras na política de divulgação do conhecimento

**Bethania Mariani<sup>1</sup>**

Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

**Angela Corrêa Ferreira Baalbaki<sup>2</sup>**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Élcio Aloisio Fragoso<sup>3</sup>**

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, Rondônia, Brasil

**Magno Prado Gama Prates<sup>4</sup>**

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, Rondônia, Brasil

**Resumo:** O presente artigo, situado no ponto de vista de articulação teórico-metodológica da Análise de Discurso com a História das ideias Linguísticas, tem como foco discutir a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de divulgação científica. Esta é uma discussão que inclui um posicionamento político frente às possibilidades da Libras de atuar no processo que traduz/interpreta/coloca em circulação conhecimento produzido. Para tanto, tomamos como objeto de discussão uma enciclopédia virtual que objetiva colocar o conhecimento produzido pela Análise de Discurso na forma de videoverbetes falados em português brasileiro com a interpretação para língua de sinais. A necessidade (mais que isso é uma injunção histórica) e a dificuldade de se pensar a construção de um sinalário em Libras é a mesma para qualquer domínio teórico escolhido, considerando a história de seus conceitos. E esta é uma questão política, uma questão de política de línguas.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Produção de conhecimento; EnciDIS; Libras.

**Title:** Between Brazilian languages: Libras in the policy of knowledge dissemination

**Abstract:** Considered from the point of view of the theoretical and methodological articulation of Discourse Analysis and the History of Linguistic Ideas, this article focuses on discussing the Brazilian Sign Language (Libras) as a language of scientific dissemination. This discussion

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Titular do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9333-1439>. E-mail: [bmariani@id.uff.br](mailto:bmariani@id.uff.br)

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9295-7923>. E-mail: [angelabaalbaki@hotmail.com](mailto:angelabaalbaki@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto do Departamento de Línguas Vernáculas da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6807-7851>. E-mail: [elciofragoso@unir.br](mailto:elciofragoso@unir.br)

<sup>4</sup> Mestre em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professor do Departamento de Língua Brasileira de Sinais da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1032-9235>. E-mail: [magno.prates@unir.br](mailto:magno.prates@unir.br)

includes a political position including Libras in action in the process that translates/interprets/circulates produced knowledge. For that purpose, it takes as its object of discussion a virtual encyclopedia that aims to place the knowledge produced by Discourse Analysis as video-recordings spoken in Brazilian Portuguese and interpreted in sign language. The need (more than that, the historical injunction) and the difficulty of thinking about building a sign-dictionary in Libras is the same for any chosen theoretical domain, considering the history of its concepts. Furthermore, this is a political issue, an issue involving language policies.

**Keywords:** Discourse Analysis; Knowledge production; EnciDIS; Libras.

## Introdução

Situados na perspectiva teórica da Análise de Discurso (PÉCHEUX, 1969; ORLANDI, 1983) em seu entrelaçamento com História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1992), dentre outras obras desses autores, temos como objetivo geral traçar algumas linhas iniciais, que retomam e ampliam discussões que já vêm sendo realizadas sobre o lugar político da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de divulgação de conhecimento em estudos de linguagem. De modo específico, a fim de circunscrever a discussão da Língua Brasileira de Sinais como língua de divulgação de conhecimento, tomamos como objeto um artefato tecnológico de linguagem: a produção da *Enciclopédia Virtual do Discurso* (EnciDIS<sup>5</sup>) imaginada e planejada para colocar em circulação os termos, conceitos e pesquisas em Análise de Discurso e áreas afins.

A reflexão em tela acolheu uma interlocução discursiva entre três grupos de pesquisa situados nas seguintes instituições: Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>6</sup>, Universidade Federal Fluminense<sup>7</sup> e Universidade Federal de Rondônia<sup>8</sup>. Projetamos uma interlocução

---

<sup>5</sup> A Enciclopédia Virtual do Discurso ([www.encidis-uff.com.br](http://www.encidis-uff.com.br)) vem sendo trabalhada por pesquisadores do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS - UFF), e resulta de um projeto que se iniciou em 2013 (quando obteve apoio da FAPERJ) e prosseguiu em 2016 (com apoio CNPq). A EnciDIS é composta atualmente por 52 videoverbetes (cf. canal YouTube da Enciclopédia), com duração média de 6 a 7 minutos, falados pelos próprios pesquisadores que apresentam um termo, um conceito ou um fragmento de análise. Metade dos videoverbetes encontra-se legendada em inglês, francês e em italiano (com o apoio do grupo I FALLA, da Universidade de Roma 3, coordenado por Gian Luigi de Rosa).

<sup>6</sup> Destacamos o projeto “Processo de gramatização de línguas em diferentes espaços de enunciação” (UERJ), coordenado por Angela Baalbaki, que, em uma perspectiva fundamentada na Análise de Discurso em confluência com a História das Ideias Linguísticas, tem como propósito tematizar a difusão de línguas em diferentes espaços de enunciação, focalizando a implementação de medidas de legalização, de institucionalização e de formação de professores tanto de Língua Portuguesa como língua estrangeira e da Libras como língua da comunidade surda brasileira.

<sup>7</sup> Situamos, aqui, o grupo formado por pesquisadores do Laboratório Arquivos do Sujeito, (LAS – UFF), responsáveis pelo projeto inicial da EnciDIS, sob a coordenação de Bethania Mariani. Em seus desdobramentos, a EnciDIS passou a contar com pesquisadores do Laboratório de Estudos da Tradução (LABESTRAD – UFF), coordenados por Giovana Mello.

<sup>8</sup> Na perspectiva em que se considera o domínio teórico da História das Ideias Linguísticas no Brasil, situamos um desdobramento singular da pesquisa nesta área, que vem sendo realizada na região amazônica, especificamente, no estado de Rondônia, junto à Universidade Federal de Rondônia. Referimo-nos ao Grupo de Pesquisa: Conhecimento, História e Língua (GPECHELI), liderado pelos professores doutores Élcio Aloisio

discursiva que opera com gestos teórico-analíticos, gestos constituídos “pelo inconsciente e pela ideologia, que funcionam e operam produzindo repetições, deslocamentos, resistências.” (CAMPOS, 2019, p. 07). Há que se suportar, para podermos avançar com o desejo que nos move, os limites das fronteiras desta interlocução discursiva aqui proposta.

O presente artigo, portanto, representa um investimento de reflexão de pesquisadores localizados em diferentes instituições e regiões do Brasil, em torno da Língua Brasileira de Sinais como língua de divulgação científica. Que implicações políticas e teórico-metodológicas quando se propõe a construção de um sinalário de Libras a ser incluído em uma enciclopédia para divulgação do conhecimento produzido sobre Análise de Discurso?

Para iniciar a interlocução, trazemos o entendimento crítico das enciclopédias em seu gesto de descrição/interpretação/divulgação do que se considera conhecimento. Deste ponto, seguiremos para os objetivos da enciclopédia virtual enquanto tecnologia de linguagem constitutiva do processo de divulgação de um conhecimento específico: a Análise de Discurso tal como proposta por Pêcheux e Orlandi. Em seguida, situaremos o campo teórico da História das Ideias Linguísticas em relação à Análise de Discurso, o que já vem se desenvolvendo nesse campo, e, em seguida, apresentaremos Libras a partir da perspectiva discursiva de sua gramatização. Por fim, iremos formular algumas propostas para a presença da língua de sinais na EnciDIS.

### **O objeto enciclopédia, a EnciDIS e políticas de línguas**

“O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos linguísticos?”. A partir dessa pergunta título, Auroux (2007, p. 09) discute como que a *Encyclopédie* (1751-1772), de Diderot e D’Alembert, constitui um divisor de fronteiras entre o próprio dos dicionários e o próprio das enciclopédias. Como afirma Auroux, se por um lado o gênero enciclopédia existe desde a antiguidade, a “inovação profunda de D’Alembert e Diderot é fazer dele uma divisão do gênero ‘dicionário’” (AUROUX, 2007, p. 14). Assim é que o verbete ‘enciclopédia’, formulado por Diderot, retorna sobre o próprio fazer enciclopédico na tentativa de significar o gesto visado pelos enciclopedistas, gesto de descrever o que está no cerne da relação linguagem, produção de conhecimento, mundo. Considerando que o saber enciclopédico é interminável e impossível de conclusão, no sentido estrito de sua formulação, seja pela impossibilidade de incluir múltiplos pontos de vista, seja porque o conjunto de coisas-a-saber é heteróclito, seja, ainda, pela injunção ao dizer dos saberes legitimados em cada época, podemos ler em uma enciclopédia o espaço estabilizado de coisas-a-saber regido por uma homogeneidade nos modos de dizer.

---

Fragoso (UNIR) e Juciele Pereira Dias (Proflind – UFRJ/PDS), que teve início com a organização e a realização do I Encontro Nacional em Análise de Discurso (ENADIS), em julho de 2017, no campus de Porto Velho, da Universidade Federal de Rondônia. Tomando o conhecimento como discurso, o Grupo de Pesquisa trata sobre a questão da diversidade brasileira, com suas línguas denominadas de portuguesa, indígenas, de imigração, brasileira de sinais (Libras) e as políticas de oficialização/cooficialização de línguas (indígenas), bem como a produção de manuais de ensino de língua(s).

Gramáticas, dicionários e enciclopédias estabelecem normatizações para os conhecimentos descritos, legitimando o que deve ser sabido a partir de descrições e comentários assinados por determinados sujeitos, aqueles que seriam autoridades no assunto (ESTEVES, 2017). Assim, em um mesmo verbete ou em um mesmo ponto léxico-gramatical fica configurado um duplo gesto de interpretação: há um tipo de conhecimento que, sendo valorizado, deve ser compartilhado nesses instrumentos, o que produz como efeito que qualquer outra forma de conhecimento, em geral, fica silenciada. Propomos incluir um terceiro gesto de interpretação: a tradução como gesto de administração dos sentidos e de domesticação do conhecimento. Como pensar Libras em tal discussão?

A *Enciclopédia Virtual do Discurso* (EnciDIS), por sua vez, é uma enciclopédia do campo das ciências da linguagem que repensa os três gestos de interpretação mencionados acima (cf. MARIANI, 2016). Para os objetivos deste artigo, vamos nos deter aqui, mais especificamente, na questão da presença do português brasileiro e de legendas traduzidas para outras línguas.

A EnciDIS busca tanto questionar o artefato enciclopédia virtual, construído a partir das chamadas novas tecnologias (cf. MARIANI, 2016 e 2018), quanto interrogar, na relação linguagem/produção e circulação de conhecimento/mundo, as implicações político-linguísticas de colocar em circulação a presença de pesquisadores que conceituam uma teoria de interpretação em uma língua nacional nada valorizada na hierarquia e no jogo de prestígio linguístico internacional. De acordo com o projeto, a EnciDIS representa um gesto político que é o de insistir no português brasileiro como língua em que se enuncia ciência, língua em que se faz ciência, língua em que saberes são reterritorializados. Em outro espaço simbólico, com uma língua (des)colonizada, a constituição, formulação e produção de conhecimento significam diferentemente. Tal enciclopédia virtual inclui a enunciação científica em português brasileiro, uma presença do pesquisador com seu corpo, seu olhar, sua voz, e isso produz, enquanto transmissão de conhecimento, a possibilidade de um *efeito presença*, nas palavras de Mariani, Moreira e Estrela (2020).

Tendo em vista que a circulação em outras línguas faz parte da gestão política do conhecimento, foi feita a opção por traduzir e legendar os videoverbetes para o inglês, o francês e o italiano. Uma tradução com legendagem profundamente discutida como gesto político e prática de resistência frente às técnicas e à domesticação dos saberes. (MELLO, 2017). Pensando deste modo, a inclusão da interpretação para Libras representa um outro gesto político, em construção possível para a circulação do conhecimento, para a EnciDIS.

### **Conhecimento, História e Língua**

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua e não uma linguagem apenas, mas olhando assim, empiricamente, fica difícil de compreender o que isto significa e o que determinou a criação de leis referentes ao seu reconhecimento no Brasil. Da perspectiva em que nos inscrevemos essa questão não seria tão evidente assim e nem consistiria em um trabalho de

militância que tenha chegado a esta conquista, tendo em vista uma cronologia dessa história. Discursivamente, não se deveria pensar como conquista aquilo que é sim determinado historicamente? Em que condições de produção se dá esse discurso sobre a Libras aí no final do século XX e início do século XXI, no Brasil? E mais ainda como se fala sobre a Libras nestes documentos oficiais, isto é, como esta língua é significada para seus falantes? Essas questões não serão respondidas por este trabalho que tem outra finalidade mais específica, mas são colocadas para iluminar as reflexões que faremos, partindo sempre do pressuposto que é trazendo o político e as implicações políticas que uma pesquisa pode distinguir melhor os efeitos de sentidos (e suas regularidades discursivas) que estão postos por legislações que regulamentam esta língua no Brasil. Resumindo, esta é uma questão política, ideológica e histórica que, ao falarmos sobre línguas no Brasil, não pode ficar de fora.

Passaremos, na sequência, à elaboração de nossas proposições teóricas acerca da produção de um sinalário em Libras sobre os principais conceitos teóricos do campo de conhecimento da Análise de Discurso. Lembramos que a necessidade (mais que isso é uma injunção histórica) e a dificuldade de se pensar a construção de um sinalário em Libras é a mesma para qualquer domínio teórico escolhido, considerando a história de seus conceitos. Não é tão evidente assim falar sobre os conceitos teóricos, pois eles se remontam o que torna impossível distingui-los sem um estudo mais aprofundado de sua história. As ciências nem sempre criam conceitos novos, mas elas os ressignificam do interior de outros domínios, o que não quer dizer meramente um empréstimo. No caso específico, dada a presença, cada vez maior, de sujeitos surdos ingressando nos cursos de graduação e nos Programas de Pós-graduação, é urgente a construção de instrumentos que produzam a distinção teórica entre estes conceitos, no campo da ciência em geral e no da Análise de Discurso, em particular, na Língua Brasileira de Sinais (Libras). É recente a entrada de sujeitos surdos na academia e isto não é apenas um dado, mas faz parte da história do sujeito surdo e da sua língua no Brasil. Quando tratamos da produção de um sinalário, não somente enquanto um instrumento linguístico, mas de um objeto simbólico sócio-histórico, como nos diz Orlandi (1997), estamos falando do funcionamento da produção sobre a língua na relação desta com o sujeito e com a sociedade na história (ORLANDI, 1997, p. 4).

A Libras não pode ser vista somente como uma língua em que se interpreta de forma evidente, ela é uma língua em que se pode tanto constituir, formular como fazer circular o conhecimento. Há um investimento a ser feito em tornar esta língua como uma língua de produção de conhecimento e não somente uma língua em que se interpreta, sob a evidência de uma interpretação fiel, quando se pensa a produção do conhecimento sobre a própria Libras. Esta língua deve ser pensada como base material para a realização de processos discursivos diferenciados, dentre os quais o discurso científico e a circulação desse conhecimento, quer dizer, a língua de sinais servindo como base para a produção de textos teóricos. Estamos querendo dizer que a Libras deve ter visibilidade também como língua de

produção e circulação de conhecimento, desse modo tem-se também visibilidade tanto da língua de sinais como sobre o próprio conhecimento produzido sobre ela.

Outro ponto que devemos ressaltar, segundo Orlandi (*idem*), somos uma sociedade, do ponto de vista da linguagem, do saber, da escrita que constrói a própria forma de nossas instituições. Isto, de nosso ponto de vista, nos coloca a refletir sobre o processo de gramatização da Língua Brasileira de Sinais, sobre o seu funcionamento *etc.* Esta língua para ser legitimada precisa ser “interpretada” para a língua portuguesa escrita? Qual o lugar dessa língua de sinais na nossa sociedade da escrita?

A questão, para nós, não é ficarmos na discussão se a língua de sinais é uma língua ou não, se a Libras tem uma gramática ou não. De nossa perspectiva, é importante ressaltar que a Libras é uma língua em que temos uma outra materialidade significativa, um outro sistema significativo, diferente das línguas que tem no aparelho fonador o suporte para sua articulação.

Ainda temos muitas dúvidas sobre a construção desse instrumento para a Língua Brasileira de Sinais, pois este sinalário faz parte do processo de gramatização desta língua e por se tratar de uma língua cuja materialidade significativa, os sinais, – que tem, principalmente, nas mãos e seus movimentos e no corpo, enquanto o espaço do sujeito sinalizar, a sua configuração específica (uma língua visual) – explicita uma outra ordem significativa, há muito ainda o que se teorizar sobre esta língua e este instrumento (linguístico). Qual o lugar desta língua e dos sujeitos que a falam em nossa sociedade? Como já dissemos, é pelo modo de trabalho da História das Ideias Linguística articulada à Análise de Discurso que iremos tecer algumas considerações sobre esta língua, enquanto uma materialidade significativa específica, e sobre o sinalário, instrumento que será produzido sobre a Língua Brasileira de Sinais. Portanto, não será da perspectiva comunicacional ou da linguística aplicada que esta reflexão será desenvolvida, que, certamente, estas perspectivas importam, mas constituem e evocam outros instrumentos teóricos, incompatíveis com o mobilizado pela Análise de Discurso. Como falar de ciência, e de seus conceitos, no Brasil, por meio da Língua Brasileira de Sinais? Como os sinais interpretam os termos que designam conceitos próprios nos vários segmentos da ciência? Não é apenas uma questão de sinalizarmos termos, na língua de sinais, mas, antes, de compreendermos a interpretação que está investida neles, nos diferentes domínios teóricos, desse modo, entendemos que os conceitos são historicamente determinados e que precisamos observar o que eles remontam ou recobrem, pois uma ciência, ao se constituir, não parte de conceitos necessariamente novos, mas da sua ressignificação no interior dessa outra ciência que se constitui. Por isso, a importância, a nosso ver, de se pensar o processo de constituição de sinais relativos a uma certa ciência, a própria língua é ressignificada neste processo.

A construção do sinalário participa da própria constituição da Língua Brasileira de Sinais. Ele é um acontecimento na história dessa língua, no sentido de instaurar um discurso sobre o saber discursivo na língua de sinais. A questão não é simplesmente a de criação de

sinais, mas, sim, a de produção de um sinalário que constitui um discurso em/sobre a língua de sinais.

Sabemos que o gesto de interpretar da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais não é tão evidente assim, e quando se trata de interpretar termos que, numa dada teoria, no campo das ciências da linguagem, por exemplo, constituem sentidos definidores historicamente determinados, esta questão da interpretação é frequentemente exposta ao equívoco, neste processo. Sobre esta questão, Lopes coloca que:

A partir dessa compreensão, percebemos a necessidade de produzirmos um sinalário de Análise de Discurso, trazendo à tona o papel dos instrumentos linguísticos para a constituição de um dizer sobre a língua, em nosso caso, um dizer sobre a Libras e, em sua extensão, um dizer sobre a AD (LOPES, 2019, p. 230).

Tendo em vista este processo de formulação de sinais, na produção de um sinalário, instrumento linguístico que dá visibilidade para a Língua Brasileira de Sinais, e que constitui um dizer sobre conceitos básicos da Análise de Discurso, um outro momento relevante inclui o processo de produção do sinalário: sua circulação. Nesta direção, a produção deste sinalário faz o conhecimento circular, isto é, vai divulgar o conhecimento produzido em Análise de Discurso, em Libras. Retomamos aqui o projeto da Enciclopédia Virtual do Discurso (EnciDIS) com a finalidade de divulgar o conhecimento produzido no campo dos estudos da linguagem. Partindo do pressuposto de que toda forma de produção de conhecimento resulta de um processo histórico e ideológico, o projeto, Mariani (2016; 2018), propõe a discussão do funcionamento e dos efeitos das tecnologias digitais, mais especificamente, das tecnologias de linguagem, em relação à circulação dos discursos de produção do conhecimento em meio virtual. No caso da Enciclopédia, cabe, portanto, teorizar sobre seu próprio processo de produção enquanto um artefato/ferramenta que, ao colocar em circulação conhecimento produzido pelas ciências humanas, promove ensino em meio digital, ou seja, com base em uma tecnologia que visa representar de determinada maneira conceitos, termos e pesquisas em ciências humanas (MARIANI, *idem*).

*Alguns apontamentos sobre o processo de constituição da História das Ideias Linguística no Brasil: conceito e pesquisa em Análise de Discurso*

É válido ressaltar que o desenvolvimento do projeto História das Ideias Linguísticas (HIL) e outros a ele vinculados, no Brasil, não se constituíram em uma mera continuidade do que se pesquisava na França, pois a constituição deste projeto tem por objeto específico produzir conhecimento sobre a história da língua e a história do conhecimento sobre a língua, no Brasil. Desse modo, há uma espécie de reconfiguração deste projeto no espaço enunciativo brasileiro, tendo em vista as questões próprias relativas a este país, que foi, por aproximadamente três séculos, colônia de Portugal. Além de que, no espaço brasileiro, o

desenvolvimento deste projeto, desde o início, dá-se por meio de uma articulação teórica produtiva com a Análise de Discurso.

Sobre este ponto, Nunes (2008), no artigo *“Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas”* – publicado como resultado de uma conferência proferida no VII Seminário Corpus: História das Ideias Linguísticas –, trata dessa articulação da Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas, destacando que a HIL se historiciza no Brasil sob o aporte dos trabalhos de S. Aurox, na França, e sob um desenvolvimento singular, no Brasil, liderado por Eni Orlandi e grupo de pesquisadores, a partir de 1987. O autor assinala ainda que:

Um dos pontos de contato dessa articulação entre a AD e a HIL reside em uma visão histórica da ciência e, particularmente, do que chamamos as “ciências da linguagem” (ver Guimarães & Zoppi-Fontana, 2006). Note-se que tal articulação não se dá ao modo da interdisciplinaridade ou de uma complementaridade. A AD e a HIL têm seus métodos específicos, mas a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção. A denominação ciências da linguagem, no plural, marca a perspectiva de se considerar os estudos da linguagem na diversidade em que eles se apresentam no tempo e no espaço (NUNES, 2008, p. 109).

A questão da Língua Brasileira de Sinais, enquanto objeto de estudo de um trabalho que se inscreve na perspectiva da História das Ideias linguísticas no Brasil, abre para a reflexão acerca dos saberes metalinguísticos construídos sobre esta língua, ao mesmo tempo em que se dá o processo de constituição desta língua no Brasil. O estudo da história dessa língua, a partir dessa filiação teórica, não está separado da história dos sujeitos falantes dessa língua. Língua, sociedade e sujeitos estão entrelaçados na história. Para este trabalho, como estamos afirmando desde o início do texto, pensamos ser possível figurar a Língua Brasileira de Sinais como língua de produção e circulação do conhecimento, isto é, como uma língua que não somente serve para interpretar/traduzir, mas, principalmente, como uma língua em que se produz o conhecimento científico.

Embora seja recente, o surgimento de um discurso sobre a cooficialização coloca línguas indígenas em circulação, mesmo que no âmbito municipal, com toda a contradição que este discurso não deixa ver pela sua evidência. Também como uma língua de minorias, a Língua Brasileira de Sinais figura desde o começo deste século como uma língua reconhecida oficialmente no Brasil. A Língua Brasileira de Sinais, sua materialidade, o processo de gramatização pelo qual ela passou e passa no Brasil é também objeto de estudo do método da História das Ideias Linguística no Brasil e muitos estudos acerca deste objeto já têm sido desenvolvidos, em diferentes universidades brasileiras, nesta perspectiva teórica.

As reflexões que faremos a seguir visam explicitar teórica e analiticamente a nossa filiação ao enquadre teórico-metodológico da História das Ideias Linguísticas e expor as ideias centrais que orientam as pesquisas desenvolvidas por esta disciplina, no Brasil, aqui, especificamente, as que discutem a questão da Língua Brasileira de Sinais. Retomamos alguns aspectos já mencionados para podermos avançar.

A disciplina História das Ideias Linguísticas no Brasil preocupou-se, em sua fase inicial, como um projeto interinstitucional, especialmente, com a historicidade (a materialidade) da língua portuguesa no espaço enunciativo em que ela se desenvolve enquanto língua nacional brasileira. Em outras palavras, ela debruça-se sobre a relação da produção do conhecimento linguístico ligado à constituição da língua portuguesa como língua nacional no Brasil. Trata-se de um domínio teórico cujo interesse maior é observar e compreender os processos que determinaram as transformações da língua portuguesa em território nacional. A disciplina também teve como objetivo, já em uma segunda fase deste projeto, fazer a história política do campo de conhecimento sobre linguagem.

Importa, também, para esta disciplina, observar a constituição de um estudo sobre a língua no Brasil, ou seja, interessa descrever os estudos referentes à língua que foram se configurando ao mesmo tempo em que a própria língua nacional se constituía e se representava, entre outros instrumentos linguísticos, através de gramáticas, de dicionários, da literatura e de legislações sobre a língua, como é o caso da cooficialização, que nos coloca a refletir sobre a institucionalização da Língua Brasileira de Sinais. O que há de brasilidade nesta língua? Abrimos, com esta questão, caminhos para uma produtiva reflexão que desencadeia em outras questões possíveis de serem formuladas, na perspectiva de articulação História das ideias Linguísticas (HIL)/Análise de Discurso (AD), em que nos inscrevemos. Esta pergunta já se encontra formulada no interior do quadro teórico, o qual determina a concepção de língua e de história com que trabalhamos. A língua, para a Análise de Discurso, é a base material para a realização dos processos discursivos diferenciados. Quando falamos em brasilidade aqui estamos pensando neste sentido e o que ele está mobilizando na própria designação desta língua: Língua Brasileira de Sinais.

Pensar os instrumentos linguísticos discursivamente pressupõe considerá-los enquanto objetos simbólicos sócio-históricos (ORLANDI, 1997). Por esta via de reflexão:

ver a gramática como parte da relação com a sociedade com a história (cf. E. Orlandi, 1996) transforma esse objeto – um instrumento linguístico (S. Auroux, 1992) – em um objeto (vivo), parte de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e como parte da construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana (ORLANDI, 1997, p. 4).

Estes objetos não se constituíram sem relações, sem filiações. Há uma exterioridade que é constitutiva destes discursos. A materialidade/a historicidade/a textualização, destes discursos, nos permite observar o gesto de interpretação que está sustentado na própria formulação (o intradiscurso) destes (dos discursos). Nesse sentido, a disciplina História das Ideias Linguísticas visa descrever as regularidades que determinam a constituição destes objetos.

Deslocando-se e opondo-se firmemente ao método investigativo histórico-comparativo das ciências da linguagem, método, este, que descreve a língua a partir de sua história cronológica, mostrando sua origem, sua evolução e conseqüentemente suas mudanças através dos tempos (a língua como produto da história) e desse modo interessa a

história contínua, linear e evolutiva da língua, a disciplina HIL, por outro lado, mostra-se crítica a esse método lógico e evolutivo e problematiza a eficácia deste efeito histórico evidente produzido por este método.

De sua parte, a HIL visa descrever as filiações (as relações de sentido) e as consequências teóricas e políticas dos fatos linguísticos. Nesta disciplina, a história resulta de fatores exteriores (em que conta o imaginário) e anteriores que determinam a constituição de um certo fato linguístico.

Não acreditamos que a história de uma língua se reduza às suas transformações diacrônicas. Dessa perspectiva, a língua vai sofrendo alterações através dos tempos. Parte-se de sua origem e formação até chegar a sua época atual. Filiar-se a esta ideia é filiar-se a uma concepção histórica da língua, determinada pela sua evolução linear e cronológica. O método investigativo histórico-comparativo descreve a língua em seus diversos períodos na sua relação com outras línguas que têm a mesma origem. Ele fica na interioridade da língua assinalando suas mudanças em termos de estrutura. Dessa posição, a língua é objeto de uma ciência histórica, cuja evolução é entendida enquanto consequência lógica, ou seja, os fatos linguísticos se dão numa sequência lógica.

Fizemos estas considerações, para encerrar esta seção, com o objetivo de explicitar que sob o nome de História das Ideias Linguísticas no Brasil, pode-se fazer muita coisa, sob diferentes filiações, mas que, na perspectiva de nosso trabalho, esta disciplina está em constante diálogo com conceitos e dispositivos da Análise de Discurso.

### *A gramatização da Libras*

A gramatização da Libras, assim como de todas as línguas, não se deu numa sequência lógica dos fatos, relativos à produção do conhecimento sobre ela, que, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, não desvendam o verdadeiro, mas constituem uma realidade histórica, cujo modo de existência real é a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber (AUROUX, 1992). O fato principal para compreendermos o processo de gramatização dessa língua (Língua Brasileira de Sinais) foi a educação de Surdos.

No Brasil, a educação de Surdos teve início durante o segundo império com a vinda do educador surdo francês Eduard Huet. Previamente, ele enviou um relatório ao imperador D. Pedro II sugerindo uma escola para a educação de surdos no Brasil. Por causa deste fato, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem relação histórica com a Língua de Sinais Francesa (LSF). Assim, em 26 de setembro de 1857, foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro.

O professor mestre E. Huet marcou, historicamente, por ser o primeiro surdo a ensinar uma Língua de Sinais (LS) no Brasil, ainda que fosse a mistura dos sinais franceses e brasileiros. Desta junção de ambas as línguas, originou-se a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir deste momento histórico, outros ex-alunos surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) também ensinaram a Língua de Sinais.

No século XIX, no ano de 1875, Flausino José da Gama, ex-aluno do INES, autor surdo publicou o primeiro dicionário sobre Língua de Sinais no Brasil, sob o título “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”. Neste dicionário, há uma mistura de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Francesa (LSF), com registro de imagens e categorias dos tipos de sinais.

Após décadas de interdição das línguas de sinais em muitos países, os noventa foram marcados por pesquisas que buscavam compreender essas línguas. Dando prosseguimento à história das Línguas de Sinais, destacamos o pesquisador William Clarence Stokoe Jr., linguista americano, ouvinte, pesquisador atuante da Língua de Sinais Americana (ASL), que atraiu outros pesquisadores para o seu laboratório de pesquisas - Linguistics Research Laboratory.

No Brasil, o padre<sup>9</sup> estrangeiro Eugênio Oates pesquisou e criou uma iconografia da Língua Brasileira de Sinais no ano de 1969. Ele chegou ao Brasil, em 1946, como missionário oriundo dos Estados Unidos, a serviço das comunidades carentes. O início do seu trabalho foi no estado do Amazonas, tendo, posteriormente, viajado para outros estados do território nacional. Foi durante estas viagens que entrou em contato com surdos brasileiros e conheceu a língua utilizada por surdos brasileiros, que despertou nele interesse em aprendê-la, embora no começo estabelecesse uma comunicação gestual. Ele percebeu os regionalismos da Língua de Brasileira de Sinais e decidiu escrever o livro “Linguagem das mãos”, como uma espécie de dicionário, a base do livro apresenta registros de 1258 sinais.

A partir de 1980, a pesquisa linguística sobre a Língua Brasileira de Sinais, no Brasil, teve início com as autoras brasileiras Lucinda Ferreira Brito, Tanya Felipe, Lodernir Karnopp, Ronice Quadros. Estas pesquisas foram realizadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estas pesquisadoras, sob distintas perspectivas linguísticas, fundamentados em Chomsky, Bakhtin, Saussure, Stokoe, entre outros, pesquisaram/pesquisam a Língua Brasileira de Sinais com o objetivo de descrever, analisar e demonstrar o seu status linguístico. [...] “desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31).

Com base no entendimento dos fatos e da história do surdo brasileiro nos é possível entender o processo de gramatização da Língua Brasileira de Sinais. Auroux (1992) nos traz o conceito de gramatização dizendo que é o processo que leva a descrever e instrumentar uma língua com base em duas tecnologias que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário.

Como já comentamos, Flausino José da Gama, autor surdo, publicou no século XIX, em 1875, um livro intitulado “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, que era composto por imagens e categorias dos tipos de sinais. Dessa maneira, foi registrado como

---

<sup>9</sup> Assis Silva (2012) assevera a proeminência religiosa historicamente marcada na educação de surdos (desde a Idade Média até a atualidade) – tanto pela Igreja católica como por congregações protestantes.

era formulada a língua de sinais daquela época. Assim como Silva (2012), podemos considerar que este registro é o ponto inicial para o processo de gramatização da Libras.

Somente no século XX, nessa perspectiva de gramatização da Língua Brasileira de Sinais, é produzido o primeiro estudo sobre a sua gramática: “Por uma gramática de língua de sinais”, da autora Lucinda Ferreira Brito, marcando, dessa forma, uma tentativa de descrição linguística sobre esta língua, propiciando um estudo sobre os seus aspectos morfológicos, sintáticos e pragmáticos. (FERREIRA-BRITO, 1995)

Este estudo sobre a gramática da Libras possibilitou, tanto aos sujeitos surdos quanto aos não-surdos, uma relação e posicionamento diferente perante ela, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais passou a ser identificada e relacionada ao sujeito surdo pela sociedade brasileira. Nesse sentido, a Libras, língua individualizada pelo Estado, desencadeia o processo de individuação do sujeito surdo escolarizado, significando uma língua inclusiva, efeito de sentido da legislação específica que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. A individuação deste sujeito surdo escolarizado pelo Estado o posiciona na sociedade relativamente em defesa de sua língua, na história. Desta posição sujeito, o surdo pode se relacionar com o objeto de conhecimento das diferentes áreas, pois as escolas fazem circular o saber de um certo modo, por meio de instrumentos que constituem gestos de leitura e um arquivo específico desse saber, a exemplo dos materiais didáticos.

O processo de produção para a formulação de sinais-termos (FAULSTICH, 2014) para a AD foi construído através de discussões realizadas com o grupo de pesquisas GPeCHeLi formado por professores e acadêmicos da disciplina do mestrado, bem como demais docentes da área da Análise de Discurso. Destacamos a participação de três surdos e uma intérprete de Libras na composição do grupo.

Não temos a ilusão de que a formulação deste sinalário encerra a discussão sobre os sinais-termos próprios da Análise de Discurso, em Libras, pois sabemos que um conceito, no caso da AD, não é uma mera definição, ele se reformula a cada análise, tendo em vista os objetivos do analista frente ao seu material de análise. Dessa forma, deixamos claro que a formulação desses sinais-termos não finda com a produção deste sinalário, mas ela deverá ser continuada e até mesmo reformulada por outros sujeitos pesquisadores.

A construção de um sinalário com conceitos próprios da AD abre um canal de acessibilidade para que os surdos possam se interessar por essa disciplina, como também se tornarem sujeitos-autores de sinais referentes a essa teoria. Este sinalário representa a inscrição do sujeito-surdo no processo de produção do conhecimento em sua própria língua, enquanto sujeito autor de seu dizer e não objeto do dizer de outros.

Na próxima seção, após a descrição/interpretação dos sinais-termos referentes aos termos-conceitos da disciplina da AD, faremos uma reflexão mais pontual acerca do conceito de interpretação que será mobilizado para exemplificar a construção desse sinalário em Análise de Discurso.

Na Libras, os parâmetros fonológicos determinam quais são as unidades mínimas que formam os sinais e estabelecem quais são os padrões possíveis de combinação entre essas

unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 47). Quadros e Karnopp (2004) destacam que [...] “apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, no que concerne à modalidade de percepção e produção, o termo ‘fonologia’ tem sido usado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais” (p. 48). Trouxemos esses conceitos da linguística para compreendermos a base teórica da formulação dos sinais das línguas de sinais.

Na formulação dos sinais-termos para a AD, destacamos o sinal de interpretação. Fizemos esse destaque visto que a noção de interpretação para a Análise de Discurso nos deslocou completamente do conceito e do sinal ao qual já conhecíamos e estávamos acostumados. Para tanto, faremos um paralelo entre o sinal de interpretação fundamentado pela linguística e o sinal-termo formulado a partir da noção de interpretação da Análise de Discurso.

O sinal para interpretação, fundamentado pela linguística, foi formulado a partir do conceito de mediação linguística, ou seja, transmitir um discurso oral para a língua de sinais ou um discurso em língua de sinais para a língua oral. Baseado nesse conceito, assim, foi criado sinal para interpretação.

Figura 1 – Interpretação I



Fonte: Capovilla *et al.* (2010).

Na Análise de Discurso, a noção de interpretação, segundo Orlandi (1996), passa por ser transparente e na realidade são muitas e diferentes suas definições, entretanto, Orlandi destaca que “não há sentido sem interpretação”, mais ainda, ela afirma que “a vida é função da significação e do gesto de interpretação cotidianos, ainda que não sentidos como tal” (ORLANDI, 1996, p. 9).

Essa noção nos deslocou completamente do sinal habitualmente usado, e na discussão do conceito no grupo de pesquisas, o sinal formulado para *Interpretação* passou a ser outro:

Figura 2 – Interpretação II



Fonte: Elaborado por Magno Prates (2020).

As mãos abertas em direção aos olhos são os vários sentidos, as diferentes formas de linguagem com suas diferentes materialidades (ORLANDI, 1996). Esclarecemos que essa formulação não é definitiva, ela foi formulada na condição de produção acadêmica e é sempre passível de equívoco, como toda interpretação.

Linguisticamente, o sinal para sujeito utilizado pela comunidade surda brasileira é o seguinte.

Figura 3 – Sujeito I



Fonte: Capovilla *et al.* (2010).

Não se trata de "criar" um sinal-termo novo para cada conceito teórico, pois os sinais já existentes para determinados conceitos podem historicizar o sentido diferentemente, no momento de sua formulação no discurso, também não se trata de substituir um sinal-termo existente por outro. O sinal-termo traz a marca do contato entre a língua e a história, na sua elaboração/formulação. Um sinalário não é um inventário de sinais novos, mas a realização de um processo discursivo de produção de sentidos em que vemos a relação entre língua e

história se materializar. No caso do sinal-termo para sujeito (o indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia e o inconsciente), o sinal-termo parece ser outro diferente do sinal para o sujeito (na linguística), pelo menos aparentemente ou visualmente, conforme mostram as imagens. No caso, o sinal-termo para o conceito de sujeito do discurso é historicizado, não sendo puramente uma descrição, mas o batimento entre descrição e interpretação<sup>10</sup>.

Figura 4 – Sujeito II



Fonte: Elaborado por Magno Prates (2020).

Na posição de sujeito tradutor, o intérprete em Libras precisa lidar com a incompletude e com as diferenças languageiras. Passar de uma língua para a outra muitas vezes resulta na domesticação de sentidos, ou assimilação, ou seja, traduções facilitadoras para a leitura, conforme os teóricos da tradução. No entanto, a tradução como resistência, ou estrangeirização (nos termos de Venuti, 1995), representa um gesto tradutório que mantém as diferenças culturais e ideológicas. Em suma, mantém as diferenças, as divergências, ou seja, a compreensão discursiva de que falar, e, também, traduzir, é instaurar redes de diferenças de sentidos. (MARIANI; MELLO, 2018). No caso da EnciDIS, para além das discussões e decisões tomadas que privilegiaram a resistência, houve uma tomada de decisão de jamais aderir a regras generalizantes que pudessem silenciar a singularidade do efeito presença resultante da enunciação científica em português brasileiro. Tal preocupação também perpassa e atravessa o trabalho com Libras que começou a ser realizado.

<sup>10</sup> A forma de sinais em Análise de Discurso é também histórica, de modo que entendemos a língua enquanto uma forma material. Da posição do analista de discurso, o gesto de produzir sinais passa pelo ritual da falha. Sabe-se que toda a língua é um sistema sujeito a falhas.

## Possibilidade de interpretação em Libras

Auroux (1992) afirma que a alteridade faz impulsionar uma reflexão linguística. Assim, a dificuldade de ler textos antigos, palavras ou textos estrangeiros fez refletir sobre o funcionamento dessas línguas para poder traduzi-las. Muito recentemente, como começamos a discutir na seção anterior, em âmbito acadêmico, iniciou-se um movimento de produzir dicionários monolíngues em Libras ou ainda bilíngues em Libras e língua portuguesa na tentativa de dar subsídios aos tradutores/intérpretes de Libras (TILs) para realizar interpretações em áreas diversas de conhecimento – um processo que “acontece nesta junção de contato bilíngue” (RUSSO; FISS, 2019, p. 48).

Os sinalários em Libras podem ser inseridos nessa perspectiva, que inclui a reflexão sobre instrumentos linguísticos. Não se pode tomar um sinalário como evidente, na perspectiva aqui adotada. Especificamente, o sinalário com conceitos próprios de Análise de Discurso (PRATES, 2020), um instrumento linguístico com sinais em Libras, é tomado como um discurso em que se estabelece a relação entre o sujeito (sinalizante), o saber linguístico (de uma língua viso-espacial) e a produção de conhecimento de um campo teórico. No que diz respeito à produção e divulgação de conhecimento, ressaltamos a dissimetria da Libras em relação ao português brasileiro no que diz respeito aos textos científicos que a circundam, uma vez que não estão disponíveis em Libras os mesmos acervos de textos que estão em português. Como pontuamos anteriormente, se o português não é valorizado no jogo de prestígio internacional como língua que enuncia conhecimento científico, a Libras ainda é pouco valorizada no jogo nacional.

Ao longo das reflexões aqui construídas sobre um sinalário de AD, observamos uma sobreposição de duas noções: aquela oriunda dos estudos da tradução (interpretação) e a aquela do quadro teórico da Análise do Discurso, como exemplificado no verbete “interpretação”, do já citado sinalário, no qual se opera um deslocamento do sinal usado cotidianamente para outro que formula a noção teórica de interpretação em AD. No título desta seção, podemos apontar para um jogo que se dá por entre os sentidos de interpretar. Muito embora compreendamos que traduzir/interpretar é produzir a transferência de uma língua para outra, tal ação também se dá por um gesto de interpretação do sujeito tradutor/intérprete. Afinal, “[...] sempre há interpretação. Não há sentido sem interpretação. Estabilizada ou não, mas sempre interpretação” (ORLANDI, 1996, p. 21).

A produção de sentidos envolvida no processo de tradução/interpretação para Libras (como qualquer outra língua) perpassa a produção de enunciados na língua-outra, ou melhor, o produto da tradução propriamente dito. Mittmann (2003), buscando situar a tradução como um processo tradutório, isto é, “como um processo de relação de sentidos e de produção de discurso” (MITTMANN, 2003, p. 171), assevera que a tradução de um texto marca diferenças, uma vez que se trata de distintas relações de sentido, construídas por sua vez no interior de diferentes condições de produção. Decerto, destacamos que a tradução/interpretação dos enunciados em Libras também está atrelada às suas condições

de produção, à posição em que os sujeitos assumem, e às possibilidades de (re)construir o contexto imediato e sócio-histórico.

Com efeito, propor a interpretação dos videoverbetes da EnciDIS para Libras passa, invariavelmente, por um processo de produção de discurso nessa língua. Para inserir alguns encaminhamentos de um possível gesto tradutório, tomamos como base a aproximação com um sinal do produzido no Sinalário de Análise de Discurso (PRATES, 2020). Os sinalários podem ser tomados “como um objeto de consulta, uma obra de referência à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber” (LOPES, 2019, p.231). Nesse direcionamento, em momentos de tradução/interpretação, um sinalário serviria como um aporte terminológico referente às noções teóricas mobilizadas em cada videoverbete da EnciDIS, por exemplo. Entretanto, em cada um desses videoverbetes, o modo de apresentação dos conceitos não prescinde das contradições, do efeito metafórico, dos deslizamentos de sentido... Dessa forma, faz-se necessário problematizar o tratamento dispensado aos sinalários como meros repositórios de termos ou objetos de consulta e assumi-los como instrumentos que produzem conhecimento. Isso posto, inserir a definição de conceitos e outras elaborações teóricas em Libras se faz mais do que um gesto tradutório, de fato, um gesto de produção de conhecimento.

A partir das aproximações realizadas entre um sinalário de AD e processos tradutórios, a título de ilustração, propomos mostrar um possível gesto de tradução/interpretação em Libras de trecho recortado do videoverbete intitulado “Discurso”<sup>11</sup>, produzido por José Simão da Silva Sobrinho, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Em breve sinopse, podemos dizer que o videoverbete apresenta o objeto da Análise de Discurso: o Discurso.

O pesquisador menciona que o termo ‘discurso’ é usado para se referir a objetos de ciências diferentes, produzindo certa instabilidade no reconhecimento da Análise de Discurso como uma área de conhecimento particular. Retoma-se a definição de discurso, qual seja, efeito de sentidos entre interlocutores. Nessa perspectiva, discurso não tem início nem fim; está no centro e na base dos dispositivos teóricos e analíticos da Análise de Discurso. Nas palavras do autor: “É o conceito de discurso e sua escolha como objeto de investigação que distingue Análise de Discurso de outras áreas da Linguística ou das ciências humanas e sociais” (SILVA SOBRINHO, 2016). Esse é um conceito materialista de discurso e remete às condições de produção, de sujeito e sua historicidade. Visitando a formulação de Silva Sobrinho (2016), tem-se: “AD define seu objeto de estudo como efeitos de significados entre falantes. Discurso é significado. É produzido no meio, é produzido nas relações de significado que constituem os sujeitos em suas práticas linguísticas, conformado pela ideologia e pelo inconsciente”. E continua: “O orador não é um indivíduo biopsicofisiológico, o fim de um ambiente comunicativo. O falante é a posição do sujeito constituída pelo significado. Significados que se repetem, se movem e se deslocam nas relações imaginárias

---

<sup>11</sup> O link do videoverbete é: <https://www.youtube.com/watch?v=eXc0P7lhjCk>. Acesso em: 29 set. 2021.

do sujeito com suas condições materiais de existência”. Desses trechos recortados, destacamos o termo “discurso” para exemplificar um possível gesto de tradução/interpretação em Libras.

O primeiro movimento é pensar na forma de colocação em cena das duas línguas, sendo uma áudio-oral (língua portuguesa) e outra viso-espacial (Libras). Também sugeriremos operar um deslocamento do produto para o processo de produção de reedição dos videoverbetes para inserção da tradução/interpretação em Libras. Auxilia-nos nesse deslocamento as reflexões de Dela-Silva (2016, p. 77):

processo de produção, com o propósito de compreendê-lo discursivamente, enquanto uma prática que, embora pressuponha uma técnica, ganha existência por sujeitos que se constituem sócio-historicamente e, como tal, produz sentidos. Propomos, assim, um deslocamento no olhar que tradicionalmente é dirigido aos vídeos, observados enquanto produtos decorrentes de uma técnica, para pensá-los em seu processo de produção, que sempre se dá em condições específicas.

No campo da Comunicação, conforme nos aponta a referida autora, há discursos sobre (MARIANI, 1998) vídeos e os modos de produzi-los, ou melhor, suas práticas de produção. Retomaremos alguns textos institucionais que estabilizam sentidos desses modos – postos como técnica tão somente – de produção oriundos da área Audiovisual. De nossa filiação teórica, tomamos os videoverbetes como “lugar de materialidade a ser produzida e posta em circulação” (DELA-SILVA, 2016, p. 78) por sujeitos em um intrincado trabalho de linguagem na história. Esses são os gestos que direcionam a nossa leitura de tais textos. No “Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual”, da Ancine (2013), o espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral, feita por um tradutor/intérprete de língua de sinais (TILS), é, preferencialmente, no canto inferior direito da tela, exibido simultaneamente as duas produções. Para a inserção concomitante do videoverbete da EnciDIS e do vídeo de interpretação em Libras, de acordo com o “Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis do Ministério da Cultura” (ALVES, 2016), é necessário reduzir o espaço em tela do produto audiovisual.

Partindo desse formato, sem, no entanto, apagar a relação entre as condições de produção e circulação (DELA-SILVA, 2016), a nossa proposta seria a inserção da janela<sup>12</sup> do tradutor/intérprete de Libras ao videoverbete. Sublinhamos que há outros formatos, outros gestos de instrumentação técnica – o que implica outro modo de formulação e circulação de textualidades em Libras, produzindo outros efeitos de sentido. A produção dos vídeos assim com a tradução/interpretação em Libras dos videoverbetes da EnciDIS não “prescinde dos sujeitos – sujeitos de linguagem – em seus gestos de interpretação.” (DELA-SILVA, 2016, p. 79).

---

<sup>12</sup> Ainda que haja a orientação do Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis, outros formatos de inserção do TIL podem ser encontrados. Por exemplo, na TVInes o destaque maior é para o sinalizante de Libras, ficando, portanto, o intérprete em primeiro plano.

Nesse exercício de projeção, teríamos a possível configuração do videoverbete:

Figura 5 – Espaço de Libras no videoverbete da EnciDIS – Discurso



Fonte: Adaptado de Silva Sobrinho (2016) e Prates (2020).

O segundo movimento ao qual nos referimos seria o processo de tradução/interpretação em uma proposta orientada por uma perspectiva discursiva. É um processo de inscrever sentidos outros; fazer trabalhar a memória que se atualiza em outros dizeres em Libras constituídos sócio-historicamente.

De maneira a pensar os processos de formulação envolvidos nesse processo tradutório, promovemos a exemplificação do sinal de “discurso”, como pode ser observado na figura 5, conceito central do videoverbete selecionado. Segundo Prates (2020), esse sinal é descrito da seguinte forma:

CM: Mão direita apenas com o dedo indicador levantado, e a mão esquerda espalmada, com todos os dedos separados; PA: Espaço neutro na altura do tórax; MO: Mão esquerda com movimento será circular, para frente, de cima para baixo, ao lado do dedo indicador direito; O: Mão direita direcionada para frente, mão esquerda para direcionada para frente, com a mão esquerda, ao lado do dedo indicador direito, direcionada para o lado direito; EXP: Expressão facial neutra (PRATES, 2020, p. 89).

Consideramos que a materialidade linguística da produção da tradução/interpretação em Libras promove outras teorizações. Para Baalbaki e Buscácio (2020), a formulação do fio do dizer produzida pela língua de sinais se dá visualmente no espaço e no corpo do sujeito enunciativo (o corpo e o seu espaço correlato são tomados com o suporte material da língua). Assumir a materialidade linguística da Libras como base material dos processos discursivos é compreender que língua e história se transpassam; produzem simultaneamente uma forma linguístico-histórica. Ou ainda como nos coloca Mittmann (2003), as sistematicidades linguísticas servem de base de produção do processo tradutório. Assim, pensar no modo como a tradução/interpretação constitui uma

textualidade específica nos videoverbetes da EnciDIS, tendo como materialidade a Libras, é uma forma de pensar a circulação social das noções teóricas da AD para sujeitos sinalizantes.

Ao retomarmos e ampliarmos algumas considerações de Orlandi (2004) sobre a divulgação da ciência, podemos dizer que a divulgação de conhecimento em Libras situa-se no lugar em que se produz o efeito de exterioridade sobre as noções teóricas da AD. Um movimento de significação que confirma a presença pública desse conhecimento em uma língua também brasileira. Apoiamo-nos nas palavras de Lopes (2019), “esperamos que os sujeitos surdos saiam dos processos de reprodução mnemônica e passem a uma reprodução histórica, em que, como sujeitos, se relacionem simbolicamente com os sentidos produzidos sobre a AD” (LOPES, 2019, p. 222). Asseveramos que inserir a Libras nesse espaço de circulação do modo como a AD é trabalhada – nos verbetes da EnciDIS – é um gesto político na e para a produção de conhecimento em uma língua ainda pouco valorizada.

### Considerações finais

A produção de conhecimento, do ponto de vista aqui trabalhado, é uma discursividade como qualquer outra, exposta à plasticidade da linguagem e aos efeitos de sentidos que afetam os interlocutores, sujeitos interpelados pela ideologia e divididos pelo inconsciente, em determinadas condições de produção. Como Orlandi (2004) já reforçou inúmeras vezes, na sociedade capitalista a produção científica sofre os efeitos de políticas científicas que, em um mesmo gesto, administram exclusões e silenciamentos ao mesmo tempo em que promovem inclusões. A complexidade deste processo se realiza em meio a uma política de línguas em âmbito nacional, submetida e submissa a políticas internacionais, que visam estabelecer a evidência de qual língua seria a língua da ciência; a língua em que a ciência poderia ser divulgada.

Nosso trabalho, inscrito nas fronteiras da Análise de Discurso com a História das ideias linguísticas, questiona essas evidências ao incluir Libras como língua de divulgação científica. Como já foi dito, tomamos um artefato tecnológico de linguagem, a *Enciclopédia virtual do discurso* (EnciDIS), como ponto de partida para uma tomada de posição sobre a interpretação em Libras no contexto da tradução dos videoverbetes sobre termos, conceitos e fragmentos de pesquisa em Análise de Discurso. A tradução e a legendagem da produção científica não se realizam sem gestos que podem domesticar, em uma forma de uma gestão administrada que silencia sentidos, ou estrangeirizar para não perder de vista o que a enunciação científica coloca em jogo. Os videoverbetes registram de forma autoral um modo de dizer singular sobre a produção de conhecimento praticada pela Análise de Discurso. Para a idealizadora da EnciDIS, está em jogo muito mais a transmissão de conhecimento e, não apenas a possibilidade de colocá-lo em circulação.

Libras, no contexto desta discussão, não é apenas uma outra língua. Nos dias atuais, Libras é uma necessidade histórica para a divulgação de ciência, mas, sobretudo, é uma

necessidade pedagógica para a formação de estudantes surdos e interessados em Análise de Discurso. A tradução/interpretação em Libras, tal como apresentamos, abre para questões que situam seu processo de gramatização no Brasil bem como para a organização de sinalários como instrumentos linguísticos eficazes.

De nossa perspectiva teórica, no entremeio História das Ideias Linguísticas e Análise do Discurso, podemos depreender a materialidade do político no conhecimento que se produz sobre as línguas, nas teorias sobre a linguagem. Conforme Orlandi (2014), se, por um lado, há uma administração do político pelo Estado, administração que regula o social e instituições responsáveis pelo fomento à pesquisa, por outro, linguistas com suas teorias e práticas são afetados pelas políticas de Estado e pelas condições históricas em que produzem conhecimento. Nessa medida, se, como afirmamos, LIBRAS atualmente é uma necessidade histórica, qual política linguística para LIBRAS vem sendo priorizada?

Entendemos que a produção do conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais constitui-se em teorizações que são políticas, pois um conceito/uma concepção de língua é sempre defendida por uma certa teorização que determina a relação que o sujeito vai estabelecer com a sua língua. Do lugar teórico que ocupamos, entendemos que “ciência e política se atravessam em conjunturas sócio-históricas sempre particulares, por isto mesmo, muito significativas.” (ORLANDI, 2014, p. 49). Teorias são atravessadas pelo político e pelas condições sócio-históricas e, nessa medida, defendemos que as políticas linguísticas estão assentadas em teorias e não em boas intenções. A reflexão desenvolvida neste artigo procurou dar visibilidade à Libras de uma maneira muito específica: enquanto base para a realização de processos discursivos diferenciados e não somente enquanto uma língua que “interpreta” à evidência de um meio de comunicação e expressão.

## Referências

ASSIS SILVA, C. A. *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992.

AUROUX, S. Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos linguísticos? *Revista Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, n. 20, p. 9-23, 2007. Tradução de Sheila Elias de Oliveira.

ALVES, S. F.; NAVES, S. B.; ARAÚJO, V. L. S.; MAUCH, C. (Org.). *Guia para produções audiovisuais acessíveis*. Brasília: Ministério da Cultura, 2016.

BAALBAKI, A. C. F.; BUSCACIO, L. L. B. O “fantasma do monolingüismo” continua rondando: dizeres sobre a(s) língua(s) do/no Brasil e sujeito surdo. *Fragmentum*, n. 55, p. 45-67, 2020. <https://doi.org/10.5902/2179219441898>

CAMPOS, L. J. de. Introdução. In: SOARES, A.S.S.; SCHERER, A.E.; MARIANI, B.; CAMPOS, L. J. de. *Discurso, interlocução e...* Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 2019. p. 7-12. <https://doi.org/10.18226/21789061.v12i3a01>

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. 2 volumes; Edusp, 2010.

DELA-SILVA, S. De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente. In: MARIANI, B. (Org.). *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016. p. 77-91.

ESTEVES, P. M. S. A comida e o sujeito na memória humorística: circulação de sentidos na Encyclopedia do riso e da galhofa em prosa e verso, repertório de aneddotas jovias, nacionais e estrangeiras. *Polifonia*, Cuiabá, v. 24, n. 35, p. 146-163, 2017.

FAULSTICH, E. *Sinal-Termo*. Nota lexical. Centro Lexterm. 2014. Disponível em: <http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, M. C. L. *Glossário de termos do discurso – Projeto de Pesquisa: A Aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor autor (1997-2001), bolsista de iniciação científica Ana Boff de Godoy... [et al.]*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

LOPES, M. Da AAD-69 ao sinalário: leituras da/sobre a Análise de Discurso. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 222-237, 2019. <https://doi.org/10.20396/lil.v44i0.8657815>

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Renavan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

MARIANI, B.; MEDEIROS, V. Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas metodologias. In: MARIANI, B. (Org.). *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisa em análise do discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima: FAPERJ: CNPq, 2016.

MARIANI, B. (Org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisa em análise do discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima: FAPERJ: CNPq, 2016.

MARIANI, B. Linguagem, conhecimento e tecnologia: a enciclopédia audiovisual virtual da Análise do discurso e áreas afins. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 21, p. 359-393, 2018.

MARIANI, B. La produzione e la circolazione del sapere su piattaforme digitali: lo status del portoghese brasiliano in un'enciclopedia digitale sottitolata. In: DE ROSA, G.L. (Org.) *Lingue e linguaggi*. v. 35. Special Issue. Lecce, Italy, 2020. p. 13-28.

MARIANI, B.; MELLO, G. Por uma proposta de divulgação de ciência. Teorização e prática. Sobre a construção da enciclopédia audiovisual virtual da Análise do discurso e áreas afins.

*Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 29, n. 57, p. 395-413, 2018.  
<https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2018n57a584>

MARIANI, B.; MOREIRA, C. B.; ESTRELLA, R. A produção de conhecimento em análise do discurso e sua circulação em meio digital: problemáticas e perspectivas. In: SILVA, D. S.; SILVA, C. S. dos. *Pêcheux em (dis)curso: entre o já-dito e o novo*. Uma homenagem à professora Nádia Azevedo. São Carlos: Editora Pedro & João, 2020. p. 333-356.

MELLO, G. Tradução e mercado: uma análise discursiva. In: *Domínios de lingu@gem*, Uberlândia, v. 11, n. 5, p. 1649-1673, 2017. <https://doi.org/10.14393/DL32-v11n5a2017-14>

MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003.

NUNES, J. H. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107-124, 2008.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. *Apresentação: língua nacional e saber metalinguístico: um projeto singular*. Relatos nº 05, 1997.

ORLANDI, E. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 2. ed., Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, E. Linguagem, ciência, sociedade: o jornalismo científico. In: ORLANDI, E. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004. p. 129-147.

ORLANDI, E. *Ciência da linguagem e política: anotações ao pé das Letras*. Campinas: Pontes, 2014.

PÊCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

PLANO de diretrizes e metas para o audiovisual: o Brasil de todos os olhares para todas as telas. 1ª edição, julho/2013 Rio de Janeiro: Agência Nacional do Cinema, 2013.

PRATES, M. P. G. *Política linguística: análise discursiva da legislação como instrumento político para o sujeito surdo*. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

RUSSO, A.; FISS, D. M. L. Discurso, interpretação e tradução: a profissão TILS e seus sentidos na atualidade. *Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 42-62, 2018. <https://doi.org/10.1590/2176-457335402>

SILVA, N. M. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2012.

SILVA SOBRINHO, J. S. *Verbetes 'discurso' na ENCIDIS - Enciclopédia virtual de Análise do Discurso*. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2016.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility*. A history of translation. London; New York: Routledge, 1995 (Translation Studies 5).

Recebido em: 27/11/2020.

Aceito em: 29/01/2021.